

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Isabela Alves Rodrigues Cavalcanti

Concepções de letramento e alfabetização dos familiares com estudantes em
tratamento de saúde no ambiente hospitalar

Maceió-AL
2025

ISABELA ALVES RODRIGUES CAVALCANTI

**CONCEPÇÕES DE LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO DOS FAMILIARES COM
ESTUDANTES EM TRATAMENTO DE SAÚDE NO AMBIENTE HOSPITALAR**

Artigo Científico apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientadora: Doutora Elisangela Leal de Oliveira Mercado

Maceió-AL
2025

ISABELA ALVES RODRIGUES CAVALCANTI

CONCEPÇÃO DE LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO DOS FAMILIARES COM ESTUDANTES EM TRATAMENTO DE SAÚDE NO AMBIENTE HOSPITALAR

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em:

05 / 06 / 2025.

Orientador/a: Prof.. Dr. Elisangela Leal de Oliveira
Mercado _____(CEDU/UFAL)

Comissão Examinadora

Documento assinado digitalmente
 ELISANGELA LEAL DE OLIVEIRA MERCADO
Data: 13/06/2025 13:36:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof./a. _____(CEDU/UFAL)

Presidente

Documento assinado digitalmente
 MONICA PATRICIA DA SILVA SALES
Data: 17/06/2025 08:35:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof./a.a. _____(CEDU/UFAL)

2º. Membro

Documento assinado digitalmente
 JEANE FELIX DA SILVA
Data: 17/06/2025 13:49:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof./a. _____(CEDU/UFAL))

3º. Membro

Concepções de letramento e alfabetização dos familiares com estudantes em tratamento de saúde no ambiente hospitalar

Isabela Alves Rodrigues Cavalcanti
isabela.cavalcanti@cedu.ufal.br

Elisangela Leal de Oliveira Mercado
elisangela.mercado@cedu.ufal.br

Resumo:

Este artigo tem por objetivo discutir a importância das concepções da alfabetização e do letramento no desenvolvimento de práticas pedagógicas com crianças em regime de internamento hospitalar. Trata-se de uma pesquisa, de natureza qualitativa, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com às famílias de crianças em idade de escolarização obrigatória em tratamento de saúde no Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (HUPAA), essa pesquisa faz parte do projeto geral de pesquisa e extensão orientado pela Professora Doutora Elisangela de Oliveira Mercado intitulado “(Des)caminhos do Atendimento Educacional em Ambiente Hospitalar e Domiciliar para Estudantes em Tratamento de Saúde em Alagoas” ocorrido do dia 01/09/2023 à 31/08/2024. A fundamentação teórica deste estudo ancora-se nas pesquisas de Fonseca (2003), Matos e Mugiatti (2009), Simões (2022) e Mercado (2022) sobre educação em ambiente hospitalar, articulado aos estudos de Ferreira (1985) e Soares (2004) acerca das concepções de alfabetização e letramentos no processo de aquisição da leitura e da escrita, enfatizando o papel ativo da criança na construção do conhecimento, formulação de hipóteses sobre a escrita alfabética e ampliação de saberes sobre as práticas sociais de leitura e escrita. As entrevistas transcritas e as falas foram copiladas em tabela, elaborada conforme orientações metodológicas de Sampieri (1984). Os recortes de falas que respondem as questões investigadas forma distribuídas por temáticas representativas das concepções de alfabetização e letramento. Os resultados apontam que práticas de alfabetização e letramento em ambiente hospitalar é descrito pelas famílias como uma estratégia que contribui para o sucesso na escolarização, além de evitar a repetência e a evasão escolar.

Palavras-chave: Alfabetização, Letramento, Pedagogia Hospitalar. Famílias

Introdução

A alfabetização e o letramento são preceitos fundamentais, que asseguram o direito à educação aos estudantes. Trata-se de um direito de aprendizagem que vai além do ato mecânico ou técnico de aprender a ler e escrever (codificar e decodificar

a língua escrita). Para estudantes em tratamento de saúde saber ler e escrever representa manter o elo com o mundo exterior, ampliar conhecimentos, continuidade na escolarização, resgate da dignidade, identidade e pertencimento. Além de autonomia para continuar com o tratamento no domicílio.

O envolvimento dos familiares nesse processo garante o amparo emocional, clínico, físico e pedagógico necessário para o estudante em tratamento de saúde lutar pela vida, breve recuperação e retorno ao ambiente social, familiar e escolar. Não podemos esquecer que, num país onde o analfabetismo ainda é um grande desafio que atinge milhares de brasileiros, 29% da população entre 15 e 64 anos enfrenta dificuldades significativas na leitura, escrita e matemática, caracterizando-se como analfabetos funcionais. Esse problema se acentua entre os jovens, com o percentual de analfabetismo funcional na faixa de 15 a 29 anos aumentando para 16% em 2024. Além disso, há uma desigualdade racial evidente, pois apenas 31% dos pardos e pretos e 19% dos indígenas e amarelos atingiram níveis de alfabetização consolidados, enquanto entre os brancos esse índice chega a 41%. O cenário também apresenta diferenças de gênero, com 73% das mulheres sendo alfabetizadas funcionais, contra 69% dos homens. Saber ler, escrever, interpretar e produzir um texto com função social é considerado uma potente ferramenta de justiça social e redução da desigualdade educacional. Familiares dos estudantes em tratamento de saúde, em geral, se preocupam em garantir o direito à saúde, esquecendo dos demais direitos salvaguardados constitucionalmente.

A presente pesquisa surge da observação direta do cotidiano de crianças em idade de escolarização obrigatória internadas no Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (HUPAA), considerando o impacto da hospitalização na continuidade dos estudos. Durante o período de investigação, foram realizados atendimentos pedagógico-educacionais supervisionados, visando não apenas a obtenção de resultados mais precisos, mas também a ampliação das experiências acadêmicas vivenciadas na graduação em Pedagogia. O desenvolvimento de práticas de alfabetização e letramento no ambiente hospitalar permanece como um desafio em Alagoas, visto que sua implementação ainda é rara, apesar das evidências científicas destacarem os benefícios da Pedagogia Hospitalar para a recuperação física, emocional, social e clínica das crianças hospitalizadas. Dessa forma, este estudo busca reforçar a relevância da educação como um elemento

essencial no tratamento, contribuindo para a construção de políticas públicas que garantam o direito à escolarização nesse contexto.

As práticas pedagógicas desenvolvidas em contexto hospitalar estão amparadas por um conjunto de normativas brasileiras que garantem a continuidade do processo educativo para crianças e adolescentes em tratamento de saúde. A Constituição Federal de 1988 (Art. 205 e 206) assegura que a educação deve ser um direito fundamental de todos, independentemente das circunstâncias. O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990, Art. 12 e 53) reforça esse princípio, garantindo o direito à educação mesmo em situações de internação hospitalar. A Política Nacional de Educação Especial (1994) define que o atendimento escolar deve ser ofertado em ambientes hospitalares para estudantes impossibilitados de frequentar a escola regular. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996, Art. 4º-A, incluído pela Lei nº 13.716/2018) especifica a obrigatoriedade do atendimento educacional a alunos internados, garantindo a continuidade do processo de escolarização por meio de classes hospitalares e ensino domiciliar. Por sua vez, o documento 'Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar' (MEC, 2002) apresenta estratégias para a implementação desse atendimento, orientando sua organização curricular e metodológica.

Apesar das normativas, o direito à educação para crianças em tratamento de saúde não é assegurado pelo Estado e muitas famílias desconhecem esse direito, por consequência, não o reivindicam. A ausência da discussão desta temática nas Secretarias de Educação e nos Cursos de Formação de Professores resulta na falta de formação continuada para professores da Educação Especial, elementos que dificultam a implementação eficaz da classe hospitalar, contribuindo para o aumento do analfabetismo, da evasão escolar, do abandono e da repetência entre estudantes que enfrentam tratamentos de saúde prolongados.

Neste contexto, é essencial que profissionais da saúde, educadores e familiares compreendam as concepções de letramento e alfabetização e as articulem ao conjunto de conhecimentos sobre os direitos constitucionais e educacionais, de modo a identificar barreiras e potencializar estratégias para garantir que a hospitalização não comprometa o direito fundamental à educação.

Esta pesquisa busca investigar as concepções de letramento e alfabetização manifestadas pelos familiares de crianças em tratamento de saúde no Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (HUPAA), analisando como essas visões

são influenciadas pelo contexto hospitalar. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, vinculado ao projeto de pesquisa e extensão (Des)caminhos do Atendimento Educacional em Ambiente Hospitalar e Domiciliar para Estudantes em Tratamento de Saúde em Alagoas, sob orientação da Professora Dra Elisângela de Oliveira Mercado, realizado entre 01/09/2023 e 31/08/2024. A fundamentação teórica desta investigação articula os estudos de Fonseca (2003), Matos e Mugiatti (2009), Simões (2022) e Mercado (2022) sobre educação em ambiente hospitalar, com as contribuições de Ferreiro (1985) e Soares (2004) acerca das concepções de alfabetização e letramento. Essas abordagens enfatizam o papel ativo da criança no processo de aquisição da leitura e da escrita, considerando sua formulação de hipóteses sobre a escrita alfabética e a ampliação de saberes acerca das práticas sociais de leitura e escrita. As entrevistas transcritas foram sistematizadas conforme as orientações metodológicas de Sampieri (1984), organizadas em tabelas e classificadas por temáticas representativas das concepções de alfabetização e letramento. Os resultados indicam que as práticas pedagógicas em ambiente hospitalar são vistas pelas famílias como uma estratégia essencial para o sucesso na escolarização, contribuindo para evitar a repetência e a evasão escolar.

Para Fonseca (2003) profissionais e familiares precisam adotar um olhar ampliado sobre as potencialidades e necessidades das crianças em tratamento de saúde. Precisam garantir o direito à educação e ampliar os conhecimentos da leitura e da escrita, corroborando com as práticas de alfabetização e letramento desenvolvidas pelo professor de Classe Hospitalar. Assim, a prática pedagógica em contexto hospitalar deve transcender a mera decodificação de palavras, ampliando o universo letrado por meio de práticas sociais de leitura e escrita. Essa visão é de fundamental importância no reconhecimento da cultura escrita no ambiente hospitalar num espaço com dinâmicas e necessidades próprias.

Em diálogo com essa perspectiva, Mugiatti (2009) destaca a importância da escolarização em ambiente hospitalar para crianças em tratamento de saúde, em regime de internação. Práticas de alfabetização e do letramento em contextos não escolares, como o hospitalar, promove o desenvolvimento de habilidades linguísticas e de comunicação que além de auxiliar no acompanhamento das atividades escolares constitui uma excelente ferramenta para ensinar a criança a lidar com solidão, dor e sofrimento decorrente dos longos momentos de tratamento de saúde e internação hospitalar.

Tais estudos são articulados às pesquisas de Ferreiro (1985) e Soares (2003, 2004), evidenciam os benefícios do ensino em contexto hospitalar e da formação do professor de Educação Especial para compreender como essas crianças aprendem. Ferreiro (1985) explora a psicogênese da língua escrita, demonstrando que a criança constrói hipóteses sobre o funcionamento do sistema alfabético a partir de suas experiências e interações. Soares (2003, 2004) diferencia alfabetização e letramento, reforçando que a alfabetização se refere à aquisição dos sistemas de leitura e escrita, enquanto o letramento abrange o uso social e cultural da língua na sociedade. Assim, essas perspectivas permitem pensar práticas pedagógicas mais significativas e eventos de letramento que favorecem o desenvolvimento da escrita e leitura no contexto hospitalar. Ademais, reconhece-se a criança em tratamento de saúde como protagonista e produtora de cultura, capaz de formular hipóteses sobre o funcionamento da língua durante o processo de aquisição da leitura e escrita.

Os estudos de Fonseca (2003), Matos e Mugiatti (2009), Simões (2022) e Mercado (2022) reforçam essa visão ao abordar a educação em ambiente hospitalar, apontando a importância de um ensino humanizado que considere as especificidades do contexto e garanta a continuidade escolar durante a hospitalização. Dessa forma, essas contribuições evidenciam a necessidade de um ambiente educacional rico, diversificado e sensível aos aspectos socioculturais, promovendo práticas pedagógicas que potencializam a aprendizagem e minimizam os impactos da internação.

Esta pesquisa se dedica à análise das concepções de letramento e alfabetização desenvolvidas no contexto hospitalar, investigando como essas práticas pedagógicas são percebidas e vivenciadas pelos familiares de crianças em tratamento de saúde. Trata-se de um estudo qualitativo realizado no Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (HUPAA), por meio de entrevistas semiestruturadas com acompanhantes de crianças em regime de internação. A análise dos dados coletados vai além da mera organização em tabelas e gráficos, ainda que algumas respostas possam ser quantificadas. Mais do que isso, configura-se como uma construção discursiva que reflete a prática social inserida em diferentes contextos, demonstrando como a pedagogia hospitalar constitui um espaço dinâmico de interação e comunicação, exigindo um aprofundamento na compreensão das vivências e percepções dos envolvidos.

A relevância dessa pesquisa consiste na superação da desinformação e do desconhecimento dos profissionais e familiares acerca do direito à educação no ambiente hospitalar. É de suma importância que a sociedade reconheça a importância do pedagogo hospitalar e sua atuação para afastar os riscos de abandono, reprovação e evasão escolar de crianças em regime de internação, além de quebrar o ciclo de analfabetismo e desigualdade social que muitas famílias de crianças em tratamento de saúde vivenciam no território brasileiro.

A Pedagogia Hospitalar na garantia do direito à educação

A Pedagogia Hospitalar no Brasil emerge como resposta à necessidade de garantir o direito à educação para crianças e adolescentes em tratamento de saúde, articulando os direitos fundamentais da saúde. Porangaba (2025, p. 6) esclarece que:

Educação e saúde são direitos universais garantidos na Constituição de 1988, fruto de luta e das conquistas das famílias e da sociedade civil organizada. A educação hospitalar ao articular esses dois direitos básicos consolida-se como um campo essencial para assegurar a criança e ao estudante em tratamento de saúde uma vida digna e cidadã.

O avanço para institucionalização da educação hospitalar ocorre a partir do início dos anos 2000, apoiado pela publicação de normativas sociais que reconhecem e regulamentam o atendimento educacional a estudantes em tratamento de saúde. Historicamente, a oferta da educação em ambiente hospitalar ainda é marcada por iniciativas isoladas e pontuais, muitas vezes, vinculadas a iniciativas privadas ou projetos de extensão universitária.

No contexto alagoano, a educação hospitalar nunca foi assumida como política pública educacional, e no geral quando ofertada, ocorria por meio de iniciativas e projetos de extensão, em 2018 e 2019: no projeto realizado pela Professora Dra Edna Prado, intitulado: Estudar! Não importa o lugar: o trabalho pedagógico com crianças em tratamento oncológico em Alagoas, articulando ações entre o Centro de Educação, Hospital do Açúcar (atual Hospital Veredas) e o Instituto Artur Amorim, o projeto acompanhou aproximadamente 20 crianças, por um período de 18 meses.

Em 2020, foi desenvolvido o projeto Crescer: acompanhamento pedagógico à criança e adolescente hospitalizados e/ou com doenças crônicas, no Hospital

Universitário Professor Alberto Antunes (HUPAA). Coordenado pela professora Dra. Edna Prado, seguida pelo projeto de pesquisa e extensão coordenado pela professora Dra Elisangela Leal Mercado. Em 2024, o estado de forma muito tímida dá início ao processo de institucionalização das atividades educativas em ambientes hospitalares implantando as primeiras Classes Hospitalares.

A Pedagogia Hospitalar apesar dos avanços teóricos ainda é pouco reconhecida como dever do Estado. Com campo de atuação específico e público elegível diversificado, Secretaria de Estado e Municípios de Educação e de Saúde seguem sem garantir a continuidade dos estudos e o vínculo escolar aos estudantes em tratamento de saúde, seja no regime de internação hospitalar ou domiciliar. Para Porangaba (2025, p. 6) “as atividades educacionais desenvolvidas no hospital mostram-se essenciais para a manutenção do vínculo das crianças com a escolarização e para a construção de uma experiência mais humanizada e significativa durante o período de internação”.

A oferta de Classes Hospitalares deveria representar um avanço na luta pelo direito à educação de crianças em regime de internação, contudo, o desconhecimento de gestores, profissionais e familiares corrobora para o silenciamento e invisibilidade desse público, negando a criança em tratamento de saúde seus direitos, a cidadania, o protagonismo e a dignidade humana.

A Alfabetização e Letramento em contexto hospitalar

A oferta de alfabetização e letramento para crianças hospitalizados no Brasil é parte da luta pelo direito à educação. A criança hospitalizada ao ser afastada do ambiente escolar para longas ou sucessivas internações interrompe seu processo de escolarização, acarretando prejuízos significativos no desenvolvimento cognitivo, social e emocional. A luta pela oferta da escolarização em hospital não rompe com a perspectiva da educação inclusiva, defendendo uma educação segregada. Ao contrário, é uma tentativa de fortalecer os ideais da educação para todos com a implantação de práticas pedagógicas que garantam o direito à aprendizagem.

A discussão de alfabetização e letramento no ambiente hospitalar é recente e, ainda ocorre de forma pontual e isolada, impulsionada por algum grupo de pesquisa. São iniciativas voltadas ao investimento no processo de alfabetização e letramento no processo formativo dos professores de Educação Especial.

O baixo letramento somado ao analfabetismo para crianças afastadas da escola devido aos longos e contínuos tempos de internação hospitalar pesa na manutenção da desigualdade escolar e social e do analfabetismo. Crianças com familiares analfabetos e que, também, não estão alfabetizadas impacta na qualidade de vida, na manutenção do baixo letramento. De acordo com Porangaba (2025, p. 6) “educando [analfabeto] pode tomar a medicação errada, e no horário errado, no dia errado”. O analfabetismo agregado ao baixo letramento repercute de forma negativa no tratamento emocional, cognitivo e social. Estudantes que se encontram em condições de vulnerabilidade sofrem mais, pois durante a realização dos atendimentos pedagógicos é identificado que o acesso a práticas sociais de leitura e escrita são quase que inexistentes ou representadas por momentos de vergonha e fuga.

Na contramão desta realidade, alguns estudos têm demonstrado que o desenvolvimento de práticas pedagógicas que respeitam e compreendem como crianças aprendem a ler e escrever, articulados com a necessidade de criação de um ambiente alfabetizador e potencializados de eventos de letramento nos hospitais são responsáveis pelo sucesso na continuidade da escolarização. Práticas de letramento no contexto hospitalar tendem a ampliar o universo de conhecimento sobre gêneros textuais, função social da escrita, leitura e imagem, além de possibilitar que o estudante em tratamento de saúde compreenda prescrições médicas, orientações sobre o uso de medicamentos, datas de consultas e recomendações para cuidados com a saúde, favorecendo a adesão ao tratamento e evitando o agravamento do quadro clínico (Fonseca, 2003).

O impacto positivo da criação de um ambiente letrado nos hospitais e da ludicidade na alfabetização de crianças em tratamento de saúde é pontuada por Mercado (2022 apud Porangaba 2025; p. 27) ao descrever que: “a inserção de atividades pedagógicas no contexto hospitalar contribui para a diminuição do sofrimento emocional, promovendo sentimentos de pertencimento, autoestima e esperança, além de favorecer o processo de recuperação física”. Corroborando com esse pensamento os estudos de Ferreira (1985) afirmam que os estudantes não são receptores passivos, por isso no processo de alfabetização as práticas pedagógicas devem trazer à luz o conhecimento de como a criança constrói a base alfabética da Língua Portuguesa, considerando o contexto social e o ambiente alfabetizador que está inserida.

Se a forma de compreender o uso social da língua passa pela ampliação de saberes de como ela funciona e se manifesta na sociedade. Soares (2004) destaca que as práticas de letramento precisam fazer parte do cotidiano da criança seja na escola ou em casa, no nosso caso nos hospitais.

Metodologia

Este estudo consiste em uma pesquisa qualitativa realizada por meio de entrevistas semiestruturadas. Segundo Sampieri (2014) a pesquisa qualitativa permite ao pesquisador ver o mundo pelos olhos dos indivíduos estudados, buscando compreender seus significados, experiências e visões de mundo.

As entrevistas semiestruturadas são uma ferramenta poderosa para alcançar essa compreensão profunda. Nela é preciso que valorizemos a flexibilidade no processo de pesquisa, permitindo que o pesquisador explorasse os temas emergentes e adaptasse as questões conforme a interação com os participantes, buscando a compreensão aprofundada dos fenômenos sociais.

Desenvolvida no HUPAA, este estudo foi realizado com mães cujas crianças estão em regime de internação, utilizando como critério de inclusão: crianças com idade de 6 à 8 anos, que devem estar se alfabetizando na escola regular. A faixa etária das mães não foi um critério definido, foram escolhidas três mães cujos filhos precisariam retornar ao hospital com tempo pré definido pelos médicos.

Resultados e Discussão

As entrevistas transcritas e as falas foram copiladas em tabela, elaborada conforme orientações metodológicas de Sampieri (2014). Os recortes de falas que respondem as questões investigadas foram distribuídas por temáticas representativas das concepções de alfabetização e letramento (Quadro 1).

Quadro 1 – Entrevista realizada aos pais no HUPAA

Entrevista Realizada aos Pais no HUPAA			
Pergunta	Entrevistada 1	Entrevistada 2	Entrevistada 3
1- Para começar, você sabe o que significa alfabetização e letramento?	SIM. ALFABETIZAR É O CONTATO COM O MUNDO DAS LETRAS. LETRAMENTO É A COMPREENSÃO DESSES SÍMBOLOS	SIM	NÃO
2- Quando na escola você foi alfabetizado? Durante o processo precisou de ajuda?	FUI PARA ESCOLA COM 9 ANOS. LOGO FUI ALFABETIZADA. PRECISEI DE AJUDA. DA FAMÍLIA, DA PROFESSORA E DAS AMIGAS.	NÃO PRECISEI DE AJUDA	Tive um bom processo de Alfabetização
3- Como você acha que deve se dá o processo de alfabetização e letramento do seu filho aqui no ambiente hospitalar? Acha necessário?	AMOSTRAGEM DE LETRAS E NÚMEROS, E ATIVIDADES que despertem ele fazer associação e compreensão de letras e números	OPTANDO COISAS QUE ELA ACEITE (DE INÍCIO) JOGOS, PERSONAGENS, DESENHOS PRA QUE ELA ASSISTA	COM UM POUCO DE PACIÊNCIA E MUITA DEDICAÇÃO PELO PROCESSO DE ALFABETIZADO DELA LENTA
4- Qual você acha que é o seu papel na alfabetização e letramento do seu filho(a)?	Eu sou a motivadora maior, se eu o incentivo ele ganha prosperidade e auto estima	OBSERVAÇÃO DE MÃE, NÃO COMO PROFISSIONAL	TENTAR AJUDAR ELA NA MANEIRA ADEQUADA QUE ELA PRECISAR
5- Quais suas concepções de alfabetização e letramento que acha que podem favorecer seu filho no ambiente hospitalar?	Ter momentos de atividades de alfabetização e letramento com ele, mostrar pra ele a importância desses momentos	ESSA PERGUNTA A MÃE NÃO QUIS RESPONDER	SÓ UMA ADAPTAÇÃO E O RESPEITO DELA
6- Como você acha que a escola deveria ajudar a mãe nesse processo? (O processo aqui referido foi: alfabetização e letramento de seu filho enquanto ele estiver em condição de tratamento no HUPAA)	OBS: A RESPOSTA E A PERGUNTA 6 DESSA ENTREVISTA NÃO SERÁ APRESENTADA NESSE ARTIGO	PARA SER APOIADA NESSE PROCESSO. A MÃE AFIRMOU NECESSITAR DE RELATÓRIOS DE UM PROFISSIONAL PARA ENCAMINHAR AO OUTRO, DO QUE FOI VIVENCIADO NA ESCOLA E COM O PACIENTE NO HUPAA DURANTE O ATENDIMENTO PEDAGÓGICO REALIZADO	A PERGUNTA 6 NÃO FOI RESPONDIDA
Observações:			
Observa-se que nenhuma das entrevistadas, incluindo a mãe pedagoga, apresentou em suas respostas concepções teóricas claras sobre alfabetização e letramento aplicáveis ao contexto de internamento infantil.	Sem observações adicionais	ESSA MÃE É PROFESSORA, HÁ 10 ANOS FORMADA EM PEDAGOGIA NA UNOPAR	Sem observações adicionais

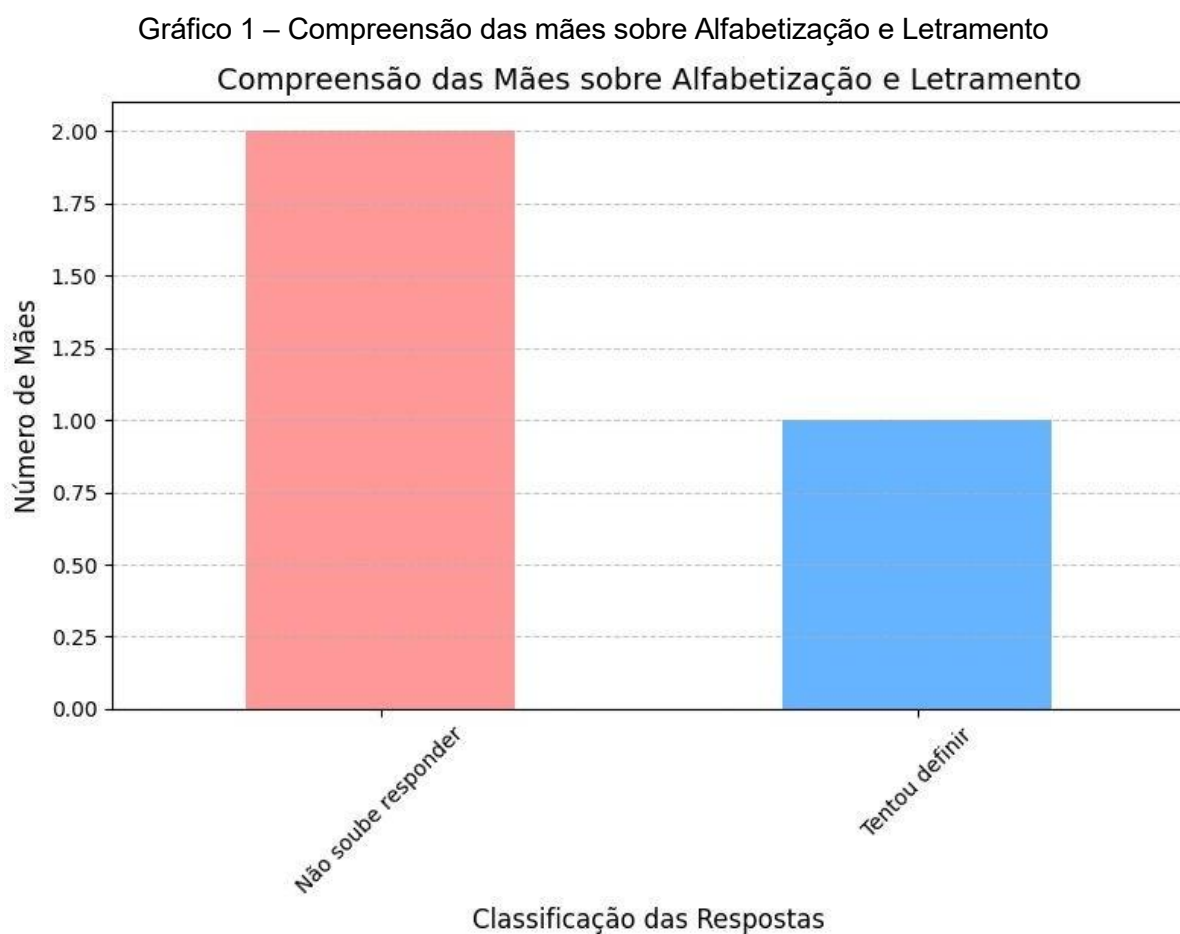
Fonte: autoria própria, 2025

O quadro 1 apresenta percepções heterogêneas entre os participantes sobre alfabetização e letramento, bem como sobre o próprio papel e o significado da escolarização em ambiente hospitalar. As participantes são mães que auxiliam e acompanham em tempo integral seu filho no ambiente hospitalar. Essa diversidade de respostas está em consonância com os estudos de Silva (2025) ao apontar que muitos familiares especialmente, oriundos de municípios alagoanos desconhecem temas educacionais como: letramento, pedagogia hospitalar e classe hospitalar, somando-se a isto o direito das crianças hospitalizadas à escolarização e ao atendimento pedagógico no ambiente hospitalar.

Durante a entrevista pode-se identificar que com o desconhecimento do tema

as respostas estão amparadas na realidade vivenciada no HUPAA durante o acompanhamento das crianças nas práticas pedagógicas desenvolvidas pelas extensionistas da Universidade Federal de Alagoas. As participantes quando perguntadas sobre práticas de alfabetização no ambiente hospitalar faziam expressão de surpresa e apresentavam desconhecimento sobre o tema.

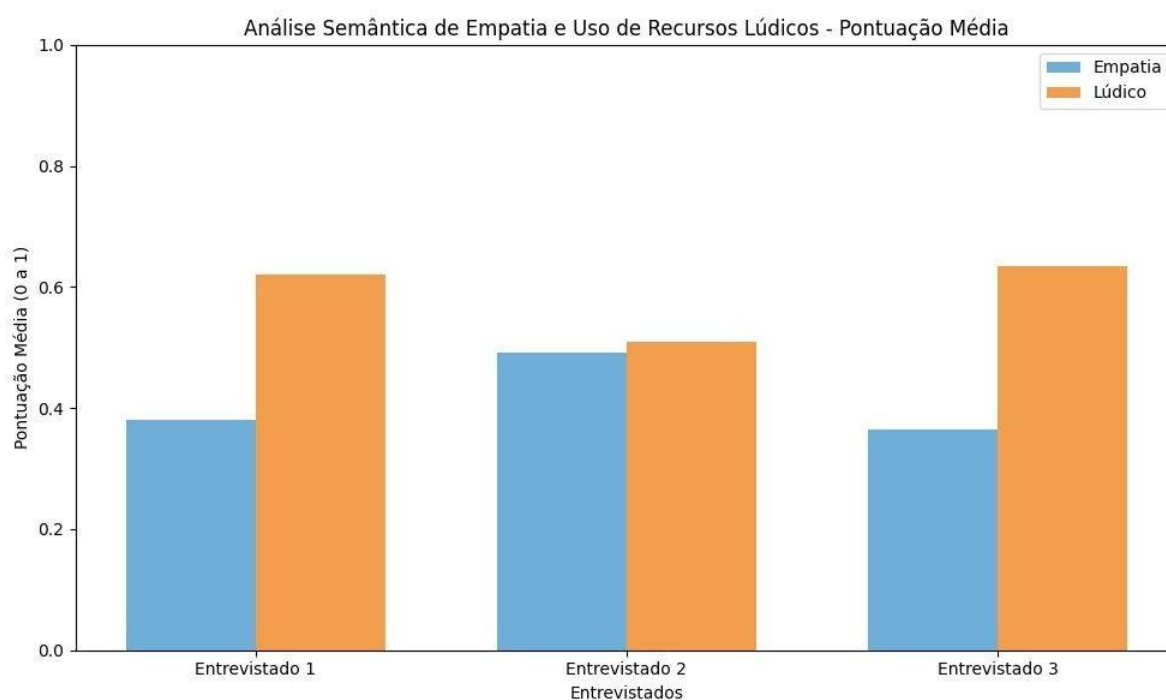
Além disso, foi percebido também o desconhecimento pelas mães dos direitos básicos à educação e a aprendizagem que as crianças em condição de internamento possuem. Os relatos de experiências foram incluídos conforme sugerido por Sampieri (2014) quem os significados são extraídos dos dados em seu contexto natural, permitindo capturar aspectos que poderiam escapar às entrevistas formais. (Gráficos 1, 2 e 3):



Fonte: autoria própria, 2025

No gráfico 1, quando questionadas sobre as concepções de letramento e alfabetização você acha que poderiam ao seu filho (a) em ambiente hospitalar, as mães reiteram que a empatia e o lúdico são formas de auxílio nesse ambiente, pois devido a vulnerabilidade em que as crianças se encontram, a motivação delas enquanto mães faz toda a diferença para que as crianças realizem as atividades que foram propostas.

Gráfico 2 – Análise semântica de Empatia e Uso de Recursos Lúdicos - Pontuação Média



Fonte: autoria própria, 2025

O gráfico apresenta a análise comparativa da pontuação média atribuída aos discursos dos três acompanhantes entrevistados, em relação a dois eixos temáticos emergentes na pesquisa: 'Empatia' e 'Uso de Recursos Lúdicos'. Os dados foram obtidos por meio de análise semântica das entrevistas, utilizando a técnica de análise de conteúdo, conforme Bardin (2008), apoiando-se na leitura flutuante, categorização temática e interpretação qualitativa.

O eixo 'Empatia' avalia a sensibilidade das falas quanto à valorização do papel da criança em tratamento, sua autonomia, afeto recebido e reconhecimento das práticas pedagógicas como apoio emocional. Já o eixo 'Uso de Recursos Lúdicos' reflete o reconhecimento da ludicidade como estratégia pedagógica durante a hospitalização, evidenciado, por exemplo, em menções à importância das atividades com jogos, histórias ou materiais didáticos criativos.

Observa-se que a média das pontuações no item 'Uso de Recursos Lúdicos' foi superior à de 'Empatia' para todos os entrevistados. Isso pode refletir o impacto mais visível e imediato das práticas lúdicas nos acompanhantes, que frequentemente testemunham as atividades recreativas durante a hospitalização. Em contrapartida, o reconhecimento da empatia, embora presente, aparece com menor intensidade discursiva. Essa discrepância revela a necessidade de reforçar a escuta ativa e sensível no diálogo entre equipe escolar e famílias, como apontado também por Silva (2025) ao tratar da importância da escuta pedagógica no ambiente hospitalar.

Gráfico 3 – Conhecimento dos direitos pedagógicos no hospital



Fonte: autoria própria

Esses gráficos 1, 2 e 3 exemplificam a ausência do conhecimento sobre alfabetização e letramento, ainda que de acordo com Soares (2004), o letramento não se restrinja ao espaço escolar, sendo construído nas interações cotidianas, nas práticas familiares e sociais, sendo fundamental para a inclusão social, e o exercício da cidadania.

Algumas respostas da primeira mãe entrevistada chamam atenção, pois apesar de não ser pedagoga, suas respostas apresentaram noções básicas que aproximam o conceito de letramento e alfabetização que são necessárias no contexto educacional, como base não apenas para o auxílio hospitalar necessário mas para toda sua vida futura com acessos assegurados. A resposta é diferenciada visto que, em sua maioria, tanto pela escuta dos relatos de experiências no HUPAA há uma preocupação mais latente em demonstrar a necessidade de que os professores demonstrem empatia, mesmo por parte da escola no ensino regular quanto a condição de internamento de seus filhos.

Uma das mães, formada em Pedagogia, há 10 anos pela faculdade privada UNOPAR não apresentava características de querer impor alguma metodologia ou alguma concepção de alfabetização e letramento ao seu filho (a). Ela afirmou que preferia responder às perguntas apenas enquanto mãe e que o processo de ajuda para seu filho (a) deveria ser realizado pelo profissional dentro do ambiente escolar, ou ainda que fosse realizado em ambiente hospitalar ainda seria o professor adequado a tomar essas decisões dentro de suas possibilidades. O processo de aquisição da linguagem escrita não é linear nem igual para todas as crianças. Cada uma constrói hipóteses próprias sobre a escrita, a partir de suas próprias experiências e interações (Ferreiro, 1989). Quando tratamos do ambiente hospitalar é importante lembrar que o professor precisa fazer adaptações, observação e avaliação para verificar se aquela criança já possui dificuldades dentro de seu espaço escolar.

No ambiente hospitalar essas dificuldades podem ser apresentadas de forma ainda mais presente e evidente, não apenas pela influência do diagnóstico médico, mas pela vulnerabilidade e a presença de suas emoções. O hospital é um lugar do qual queremos sair tendo “alta médica”, é um lugar onde imprevisibilidades ocorrem durante todo o dia, podemos tentar “motivar” à criança. Se ela gosta da escola o professor pode trazer suas memórias positivas e afetivas para desenvolver formas, cuja as práticas de alfabetização e letramento sejam colocadas a promover seu desenvolvimento da forma mais significativa possível.

Já a terceira mãe entrevistada, sua colocação foi de reconhecimento se tratando de que sua filha necessitava de uma ajuda e demonstrar uma paciência maior. Defendeu que “precisaria ser utilizada uma metodologia que minha filha aceite bem”, e apesar de não diferenciar os conceitos das várias concepções quanto a alfabetização e letramento disse que seria necessário se encaixar em com uma metodologia acessível para que ela possa compreender a importância do que foi explicado. Este pensamento corrobora com Silva (2025, p.78) ao afirmar que:

O ambiente hospitalar exige do professor e da família uma sensibilidade ainda maior para compreender às necessidades e os limites de cada criança, adaptando metodologias e estratégias de acordo com o que é possível e significativo para o estudante em tratamento. Muitas vezes as famílias não possuem clareza sobre os conceitos de alfabetização e letramento, mas reconhecem a importância de respeitar o tempo e a individualidade da criança, principalmente diante das orientações recebidas durante o atendimento pedagógico.

As realidades sociais das famílias revelam ausência de conhecimento sobre às concepções alfabetização e letramento, mas, principalmente, colocam a necessidade de maior humanização quanto ao atendimento das crianças em regime de internação, destacando a necessidade imediata à promoção do direito à educação.

Para algumas mães seguindo os relatos de experiências Sampieri (2014) é desnecessário o atendimento pedagógico, pois acreditavam que as idades de 6, 7 e 8 anos ainda eram cedo para ensinar a essas criança as letras do alfabeto. Elas não concordam com o tempo de escolarização no ensino regular, e portanto recusavam o atendimento pedagógico no ambiente hospitalar. Nossas interferências eram reforçar com exemplos quotidianos o direito à educação e porque ele precisa ser assegurado. Além disso, havia mães com mais de um filho, muitas vezes trabalhando

na roça, com dificuldades para compreender o tempo e o ritmo de aprendizagem da criança, chegando a tentar responder às atividades pelos filhos. Silva (2025) então enfatiza que o professor da classe hospitalar precisa ser um mediador entre o conhecimento escolar, a realidade da criança e o contexto hospitalar. Nesse sentido, Mattos e Mugiatti (2012, p. 35) afirmam que “a atuação do professor em ambiente hospitalar exige sensibilidade, flexibilidade e criatividade para adaptar o conteúdo escolar às condições físicas e emocionais do estudante”.

Na escola de ensino regular, a criança voltará no dia seguinte, mas no ambiente hospitalar não é sabido se há um dia seguinte. Por isso, toda e qualquer condição física pode agravar e afetar as atribuições cognitivas, e que com o auxílio necessário, ela será estimulada a continuar seu processo educativo após a alta médica, levando para sua realidade social os conceitos aprendidos durante o internamento. Considerando que a alfabetização é o processo de ensino e aprendizagem de escrita alfabética, ou seja, ensinar a ler e a escrever. E o letramento, ele vai além da alfabetização, envolvendo o uso social da leitura e da escrita. Para Soares (2004) o letramento é o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. As práticas alfabetizadoras desenvolvidas no ambiente hospitalar devem estar baseadas na concepção de letramento, com o diferencial de que são planejadas diariamente para cada criança que será atendida.

Essa urgência educacional na vulnerabilidade requer um enfoque profundamente humanizado, cujas práticas de letramento alfabetizam com foco no desenvolvimento da autonomia e na produção de textos escritos e orais. Conforme a Soares (2004, p.15), ‘letramento é o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais’” (p. 28). Assim, a prática pedagógica em ambiente hospitalar em contexto de vulnerabilidade trás que seja possível o conhecimento à alfabetização e ao letramento apropriados à cada idade permitindo que as crianças compreendam às orientações médicas que devem ser seguidas e, principalmente, possam dar continuidade ao seu desenvolvimento em leitura e escrita mesmo após a alta hospitalar.

Considerações finais

Durante esta pesquisa evidenciamos nas falas dos familiares vários fatores fundamentais para determinar a ausência de compreensão das concepções de letramento e alfabetização das crianças em tratamento de saúde em ambiente hospitalar. Um dos fatores observados nos relatos de experiências é a falta de conhecimento quanto as diferentes formas de propor, ensinar e dialogar sobre a alfabetização e o letramento, bem como o reconhecimento da importância desse processo para a vida de seus filhos.

Em alguns momentos foi necessário explicar como a ausência dessas práticas pode afetar a saúde das crianças, repercutindo por exemplo, no uso de medicamentos, na realização de consultas, e em outras situações práticas do cotidiano, como à chegada da família a HUPAA e realização dos exames. Este cenário é confirmado por Silva (2025, p. 17), ao esclarecer que “A hospitalização não pode ser vista como um fator de exclusão, mas sim como um direito de continuidade dos estudos, conforme preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) e a Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional (LDB, 1996)”. A atuação do professor na classe hospitalar é essencial para garantir que o estudante mantenha vínculos com o processo de aprendizagem e com a escola de origem, mesmo diante das adversidades do tratamento de saúde.

Contudo, algumas mães relataram surpresa ao perceber que era possível realizar atividades pedagógicas com seus filhos no contexto hospitalar, seja porque enfrentaram dificuldades na escola regular ou em casa, seja porque não acreditavam que seus filhos teriam condições de aprender durante a internação. Tais percepções dialogam com a análise de Silva (2025), ao defender que o letramento passe a ser entendido como práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita, indo além da simples decodificação de palavras. Assim, o ambiente hospitalar pode e deve ser um espaço de desenvolvimento do letramento e da

alfabetização, promovendo a inclusão social e o fortalecimento do vínculo com a vida fora do hospital.

É importante ressaltar que a efetivação do direito à educação em ambiente hospitalar depende da atuação integrada entre professores, profissionais de saúde e familiares. A integração entre saúde e educação contribui para o desenvolvimento global da criança hospitalizada. Por isso, a classe hospitalar é fundamental para garantir o acesso e a permanência dos estudantes em tratamento de saúde no sistema educacional. O atendimento pedagógico hospitalar é essencial para assegurar o direito à educação, promover o desenvolvimento integral das crianças e apoiar as famílias na construção de novas concepções sobre letramento e alfabetização, mesmo em contextos de vulnerabilidade e adversidade.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Brasília, DF: Presidência da República, 1990.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB nº2 de 11 de setembro de 2001**. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2001.

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FONSECA, J. J. S. A contribuição da pedagogia hospitalar no processo de ensino-aprendizagem de crianças hospitalizadas. **Revista de Educação e saúde**, (s.l.) v.2, n.1, p. 23-34, 2003

HERNÁNDES SAMPIERI, R.; COLLADO, C. F.; BAPTISTA LUCIO, M. P. **Metodologia de Pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, McGraw-Hill, 2013. Reimpressão 2022.

MATOS, E. L. M; MUGIATTI, M. M. T. F. **Pedagogia Hospitalar: humanização integrando educação e saúde**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009;

MERCADO, E. Direito à Educação em ambiente Hospitalar e Domiciliar para Crianças e Jovens em tratamento de Saúde. In: SILVA, M. R.; NUNES, J. F.; MERCADO E. (orgs). **Direitos da Criança Hospitalizada**. Arapiraca: Eduneal, 2022, p. 83-99);

PORANGABA, L. R. **As vozes das crianças e estudantes em tratamento de saúde: percepções sobre o trabalho pedagógico da escola regular no contexto hospitalar.** 2025. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2025.

SILVA, I. F. **Percepção dos profissionais de saúde e acompanhantes dos estudantes em regime de internação hospitalar sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas no HUPAA.** 2025. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2025.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos.** São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004